JUVENTUDES E MÚSICAS: UM OLHAR PARA AS VIVÊNCIAS SOBRE MASCULINIDADES

Mauricio Nazarete Lopes, FURG, mauricionazarete@gmail.com[1]
Juliana Ribeiro de Vargas, ULBRA, julivargas10@hotmail.com[2]
Paula Regina Costa Ribeiro, FURG, pribeiro.furg@gmail.com[3]

1. Introdução

Desde os anos noventa as práticas sociais vêm sofrendo diversas transformações no âmbito cultural devido algumas tecnologias digitais proporcionarem ainda mais a aproximação dos sujeitos, atuando na constituição de comportamentos, relacionamentos, sentimentos, atitudes, bem como proliferando formas de educar que muitas vezes passam despercebidas do nosso olhar (KLEIN, 2021).

Entendendo a importância dessas tecnologias digitais voltamos, nesse estudo[4], nossos olhares para as representações de masculinidades presentes em páginas e grupos da rede social Facebook, relacionando-as às culturas juvenis ligadas aos estilos musicais do Rock e Rap, tendo como foco seguidores/as e membros/as da cidade de Rio Grande/RS. Deste modo, compreendemos que as culturas juvenis estão relacionadas às formas como as experiências sociais dos jovens se expressam coletivamente por meio da construção de estilos de vida distintos, localizados principalmente no tempo livre, ou em espaços intersticiais da vida institucional (FEIXA, 1999). Assim, quando adentramos no campo das culturas juvenis e suas imbricações no âmbito de suas práticas, podemos pensar na forma como a música está presente nos processos de identificação dos/as jovens, criando e recriando pertencimentos, articulando-se aos modos de vestir, maneiras de agir e de marcar o próprio corpo.

[1] Mestrando do Curso de Pós-Graduação Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande - FURG
[2] Professora Coorientadora: Doutora, Profa. e Pesquisadora pelo Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEDU/ULBRA.
[3] Professora Orientadora: Doutora, Profa. e Pesquisadora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Instituto de Educação – FURG.
[4] O presente estudo é um recorte de uma pesquisa de Mestrado inserida dentro do campo dos Estudos Culturais e de Gênero, na sua vertente pós-estruturalista, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências/FURG.

Além das características destacadas acima em relação a música e os processos de constituição das culturas juvenis, buscamos também o entrelaçamento com as discussões sobre a produção das masculinidades nesses processos de produção dos sujeitos. Assim, tomamos o gênero como construções sociais e culturais que podem ocorrer a partir de várias práticas e aprendizagens, em diversos momentos, sendo produzido por um conjunto de instâncias sociais e culturais, ocorrendo através de um processo minucioso e em constante desenvolvimento de produção das masculinidades e feminilidades. Assim, compreendemos as masculinidades como sendo construções sociais, que conforme Connel (1995), são produzidas em formas plurais, que podem ser traduzidas como um conjunto de atributos e comportamentos associados aos homens, e que fatores associados à construção social influenciam na produção de diferentes masculinidades.

2. Estratégias metodológicas e analíticas

A caminhada metodológica para a produção dessa pesquisa ocorreu entre o segundo semestre de ano de 2021 e o primeiro semestre de 2022. Neste sentido, voltamos nossos olhares para as redes sociais, pois conforme a pesquisadora Marcilene Forechi (2018), as redes sociais digitais nos últimos anos vêm se tornando cada vez mais presentes entre a sociedade, tornando-se relevante para o compartilhamento de notícias, difusão de ideias e denúncias, assim como a mobilização e organização de diferentes culturas, tais como a do nosso foco de estudo, as culturas juvenis.

Assim, efetuamos um levantamento por Páginas nas redes sociais do Instagram e do Facebook que fossem relacionadas a estilos musicais e direcionadas ao a usuários/as da cidade de Rio Grande/RS. Entretanto, ao analisar nossos resultados de busca, obtivemos resultados positivos apenas no Facebook, apresentando páginas e grupos direcionados aos rio-grandinos. No Instagram encontramos apenas páginas direcionadas ao público nacional ou estadual.

Para esse estudo, optamos por dois estilos musicais: Rap e Rock. Sendo assim, as Páginas e Grupos relacionados a estes estilos musicais encontradas foram: o grupo **Underground Rio Grande** (726 membros), é um grupo dedicado a fazer a interação de sujeitos que se sintam atraídos pela cultura local do Rock. Entre os participantes desse estilo musical, é

bastante comum encontrarmos a expressão "underground", pois trata-se de um ambiente cultural que busca fugir dos padrões comerciais, e neste sentido, acaba fomentando um movimento local, que está relacionado à produção musical, literária e artes plásticas. A Página **RapNacional Rio Grande – RS** (1.198 seguidores) é uma página que apesar do nome fazer uma alusão ao Rap Nacional, é uma página dedicada a divulgar o Rap Rio-grandino, assim encontramos nesta página uma série de publicações que divulgam eventos da cidade, tanto de atrações regionais como eventos de atrações nacionais que se apresentam cidade, assim como também a divulgação de videoclipes de grupos de rap formados por jovens de Rio Grande no seu Feed de Notícias.

A partir das páginas e grupos encontrados analisamos as representações de masculinidades existentes/presentes nessas páginas e grupo. Para a produção de dados foi efetuado um levantamento de publicações de imagens e vídeos, assim como interações entre os/as usuários/as, com um recorte temporal entre os anos 2015 a 2022.

Destacamos também que para a análise de dados neste estudo tomaremos o conceito de representação de acordo com a pesquisadora Kathryn Woodward (2007), que considera que este conceito "[...] inclui as práticas de significação e os processos simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito". Assim, podemos compreender que ao longo da nossa vida, na construção das nossas experiências e vivências, incluindo a construção dos significados em torno da construção de gênero e juventude produzimos diferentes representações do que é ser homem cis jovem, homem trans jovem, homem não binário entre outras posições de sujeito.

3. Um olhar para as representações de masculinidades presentes no grupo UnderGround Rio Grande (Rock)

O estilo musical do rock, desde as origens das culturas juvenis no período pós-guerras, durante os anos 1950, foi um dos estilos que contribuiu para a consolidação da juventude enquanto categoria social. Diversos autores/as (FEIXA, 1999; HALL; JEFFERSON, 2013; PAWLOWSKI, 2013; MEDICI *et al.*, 2017; CALVO, 2020) tanto nacionais como internacionais, tem discutido como a masculinidade se faz presente na construção cultural do

Rock e suas variações de estilo. Isso ocorre devido ao espaço ser ocupado, desde a sua origem, majoritariamente por participantes jovens do sexo masculino.

Deste modo, ao primeiramente caracterizar as publicações encontradas no grupo Underground Rio Grande, grupo direcionado ao estilo musical do **Rock'n'Roll** e todas as suas variações, quando acessamos o tópico de imagens no grupo, ao olharmos todas as imagens já publicadas, podemos verificar a presença massiva de imagens que retratam grupos musicais formados exclusivamente por homens, como a Figura 4, que apresenta uma montagem de imagens publicadas no grupo. Nessa montagem, podemos identificar que em Figura 4A há um convite para um festival local com bandas formadas exclusivamente por homens, que dialogam com os estilos do Heavy Metal e Hard Rock.

Fig. 4 – Em 4A, poster de divulgação de um festival de bandas de Rock publicado no grupo Underground Rio Grande. Em 4B imagem de divulgação da banda Pragah e em 4C imagem de divulgação da banda Necromatório, ambas ativas em diversas publicações no grupo.

Fonte: https://www.facebook.com/groups/382628758528466

Nas figuras 4B, que apresenta a banda Pragah, e 4C, que apresenta a banda Necromatório, podemos ver imagens de divulgação, e assim, verificar marcadores corporais (como o corte de cabelo, roupas pretas e tatuagens) que relacionam esses homens/jovens a cultura juvenil do Rock, mais precisamente do Heavy Metal. O visual para esses jovens, pode representar autonomia e liberdade no que diz respeito aos padrões de vestimenta dos adulto (CRESPO,

2005). Conforme Manuela Belen Calvo (2020), em uma tradução livre, os jovens rockeiros/metaleiros

> "[...]dialogam com formas masculinas que se opõem à figura hegemônica do homem trabalhador de escritório, arrumado, instruído e com uma posição econômica favorável. Para isso, ressignificam-se elementos culturais de figuras masculinas alternativas e contra-hegemônicas, que se apresentam tanto na estética das produções musicais e nos corpos dos agentes, quanto nos gestos e formas de comunicação interpessoal" (p. 5).

Ainda a respeito das publicações presentes nesse grupo, destacamos duas publicações relacionadas com uma banda formada exclusivamente na atualidade por mulheres, a banda *She Hoos Go* (https://www.facebook.com/SheHoosGo). A primeira publicação (Figura 5A) do ano de 2015 que um membro desse grupo Wayner Brião faz um convite para o show/evento da banda *She Hoos Go*. No cartaz de divulgação do evento, podemos analisar que há o uso de uma fotografia/imagem com mulheres dos anos 1940/1950 em que estão jogando cartas e fumando cigarros, charutos e cachimbos, e tem a presença de dois balões de diálogos, um primeiro com os dizeres "VAI TER PUNK FEMINISTA NO SETE..." e o segundo com "... E SE RECLAMAR VAI TER MAIS!!!"

Na atualidade a *She Hoos Go* é uma banda formada somente por mulheres, entretanto, durante a publicação desse cartaz de divulgação, ou seja, durante o ano de 2015, o homem que faz a publicação era guitarrista desse grupo musical, que há época possuía cinco membros, sendo quatro mulheres e um homem. O que nos chama atenção nessa publicação relacionada a esta banda de rock é que, entre as diversas publicações de imagens e vídeos existentes neste grupo, que são massivamente publicadas por homens e sobre grupos musicais formados exclusivamente por homens, há a presença dessa banda marcando e enfatizando a presença das mulheres também no circuito local dessa cultura juvenil. Conforme destaca ainda a pesquisadora Cristiane Pawlowski (2013), que pesquisou as mulheres no rock, salienta que este estilo se consolidou como sendo um estilo musical em que os "homens eram as estrelas e as mulheres as tietes" (p. 60). Assim, as mulheres que desejavam participar, ser as "estrelas", nesse contexto, sua participação nesse movimento era uma atitude duplamente transgressora, pois

precisavam enfrentar o poder de ideias machistas impregnadas neste estilo musical (PAWLOWSKI, 2013).

FIG. 5 – Publicação do convite da banda *She Hoos Go*! no grupo UnderGround Rio Grande.

Fonte: https://www.facebook.com/groups/382628758528466

Esta constatação apresentada pela pesquisadora, pode ser exemplificada através de uma publicação feita neste grupo do Facebook. Assim, destacamos a publicação feita por Lídia Campos, durante o ano de 2019 (Figura 5B). Um fato curioso a respeito dessa participante é que a mesma já foi integrante vocalista da banda *She Hoos Go.* Lídia Campos compartilha no grupo uma publicação de uma página denominada *El Dezechux Ruido* na qual apresenta uma imagem de uma banda musical de rock formada apenas por mulheres e pede "Menos Groupies, Más 'Girls Bands"', que em tradução livre para o português significa Menos Groupies[5], e Mais Bandas Femininas. E na imagem, a vocalista apresenta um balão de diálogo com a frase "*No quiero al chico del escenario, quero el escenario!*" que em tradução significa "Não quero o garoto/rapaz do palco, quero o palco!", demonstrando que a mulheres querem também fazer parte como atrações dos eventos de Rock.

[5] O termo groupie foi utilizado pela primeira vez em 1967 para descrever garotas que seguem estrelas do pop ou membros de bandas de rock. Na maioria das vezes, em busca de relações pessoais ou sexo

Por muito tempo dentro do rock ouve a crença de que as mulheres só poderiam ser namoradas, groupies ou cantoras. Se a mulher tocar um instrumento? Só se for para conquistar algum homem. Conforme o estudo publicado por Tiago José Lemos Monteiro (2004) e o estudo de Julia Medici e colaboradores (2017), essa representação das mulheres dentro do universo do rock'n'roll ser reduzida a esses três "papeis" possíveis, é devido à forte influência deste estilo musical ser formado essencialmente em grande maioria pelos homens.

Portanto, apesar das masculinidades se apresentarem de formas alternativas e contra-hegemonicas, dentro deste grupo do Facebook, e conforme a pesquisadora Cristiane Pawlowski (2013), "as características do movimento rock carreguem ideias de liberdade, de igualdade, de contestação e ruptura com o sistema político e cultural dominante, o rock delineia-se como um universo artístico e musical predominantemente masculino" (p. 60), tal fato pode ser constatado entre as publicações presentes neste grupo.

4. Um olhar para as representações de masculinidades presentes na página RapNacional Rio Grande – RS

Apesar do **Rap** se apresentar como uma cultura juvenil diferenciada do Rock, em como os jovens que se sentem pertencido a essa cultura expressam os seus corpos, no caso as vestimentas, cortes de cabelo, cores de vestimentas e etc. Dentro dessa cultura juvenil também encontramos masculinidades que se opõem à figura hegemônica do homem, conforme destacou Manuela Belen Calvo (2020) a respeito das masculinidades presentes no rock e suas variações.

Assim, podemos verificar através de um álbum de imagens (Figura 7) presentes nesta página, que tem como título "Músicos de Rio Grande", diversos homens que se apresentam de forma oposta/subversiva a essa ideia de masculinidade hegemônica. E sim, representações de masculinidades alternativas, mas que se aproximam de masculinidades agressivas, que tentam demonstrar a virilidade e a força.

Fig. 7 – Imagem ilustrando uma série de apresentações de rappers locais presentes na página.

Fonte: Captura da tela durante acesso a página RapNacional Rio Grande https://www.facebook.com/RapNacionalRG

Conforme Sandra Mara Santos (2017), dentro do Rap, "as masculinidades são compreendidas como uma representação social cujas marcas como, por exemplo, virilidade, força, agressividade e outros semelhantes, são usadas para confrontar a estrutura social agressiva e as pessoas que detêm o poder em nossa sociedade" (p. 12). Neste sentido, podemos perceber através das imagens publicadas na página RapNacional Rio Grande que tais características estão presentes também nos eventos locais deste estilo musical. Assim, conforme a autora ainda salienta que para cantar rap o homem tem que adotar algum desses significados de masculinidades (SANTOS, 2017).

Outra discussão que gostaríamos de destacar, é a que dentro do recorte temporal, 2015 a 2022, de publicações analisadas encontramos apenas duas publicações que apresentam mulheres como cantoras de Rap nessa página. Uma publicação é a de divulgação de um show de uma artista de nível nacional, Tati Zaqui (Figura 8A), e a outra publicação de um compartilhamento de divulgação de um videoclipe do MC Jota Yakuza Feat Carol, no qual divulgam a música Par Perfeito (Figura 8B). Outra característica relacionada as mulheres nesta página é a baixa interação das mesmas entre os/as demais usuários/as e também com as publicações feitas pelos administradores, que são homens.

Conforme Ana Carolina dos Santos Marques e Ricardo Lopes da Fonseca (2020, p. 35), em seu artigo "A representação das mulheres no Rap: instituindo espacialidades, quebrando barreiras" destacam:

> O movimento Hip Hop, o rap, ainda são compostos predominantemente por homens e os conteúdos de diversas rimas reforçam os discursos machistas e que objetificam as mulheres. Faz-se necessário que os rappers percebam que possuem uma grande visibilidade no cenário do rap e que por meio de sua denúncia das discrepâncias raciais e de gênero, as pautas femininas podem ganhar mais força. O rap representa a voz da periferia e a presença e participação de mulheres em suas manifestações, assim como outros grupos sociais vulneráveis, é extremamente empoderador e possibilita a divulgação da realidade vivenciada por elas cotidianamente.

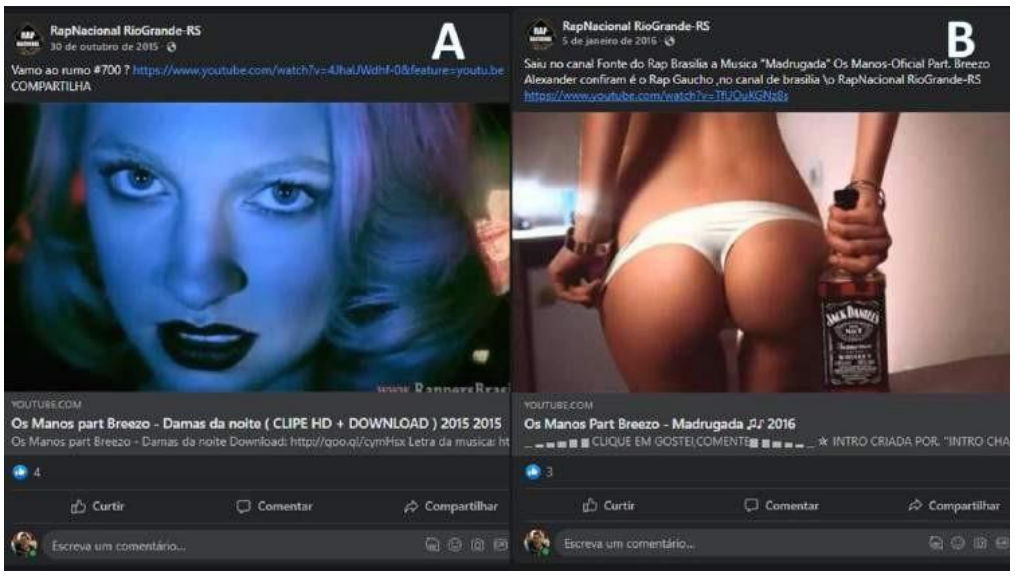
FIG. 8A E 8B – Em 8A uma publicação convidando para o show da cantora Tati Zaqui, e em 8B a divulgação da música Par Perfeito de Jota Yakuza feat Carol.

Fonte: Captura da tela durante acesso a página RapNacional Rio Grande https://www.facebook.com/RapNacionalRG

E conforme a/o pesquisador/a Ana Carolina dos Santos Marques e Ricardo Lopes da Fonseca (2020) destacaram a respeito do movimento Hip Hop e o Rap ainda serem compostos predominantemente por homens e em diversas músicas reforçarem discursos machistas. O mesmo ocorre também na página RapNacional – Rio Grande. De acordo com as publicações que encontramos nesta página, também encontramos divulgação de videoclipes que reforçam a masculinidade hegemônica, conforme ilustramos na Figuras 9A e 9B, com os videoclipes da dupla Os Manos Part Breezo, com as músicas Dama da Noite de 2015, e Madrugada de 2016.

Em ambas as músicas, o grupo musical utilizou imagens para servirem como capas/thumbnail[6] que são carregadas de significados. Conforme podemos analisar, primeiramente na Figura 9A, Os Manos MC utilizam da imagem de uma mulher loira com um olhar sensual e a utilização do batom vermelho para representar como modelo para a música Damas da Noite. E na segunda imagem, Figura 9B, o grupo musical faz uso da imagem de uma mulher retirando com uma mão a única peça de roupa que ela está vestindo e segurando uma garrafa de whisky com a outra mão. As duas imagens escolhidas pelo grupo musical fazem o uso da objetivação/erotização da mulher, pois conforme (MATSUNAGA, 2008, p. 112) "a mulher e sua sexualidade adquirem contornos distintos para o hip hop, pois de um lado a mulher é vista como "linda e sensual", em outros momentos como "promíscua e vulgar"". Entretanto, nos últimos anos, no rap há uma movimentação de posição contrária ao uso da "mulher objeto", pois para uma parcela de participantes deste estilo musical, o uso desta concepção não contribui para uma formação positiva de jovens e demais pessoas consumidoras desta música, pois ela só trabalha com a erotização e não com o âmbito intelectual (SANTOS, 2017).

Fig. 9A e 9B – Publicações de músicas da plataforma Youtube compartilhadas na Página RapNacional RioGrande-RS.



Fonte: Captura da tela durante acesso a página RapNacional Rio Grande https://www.facebook.com/RapNacionalRG

[6] Uma thumbnail é uma imagem em miniatura e comprimida usada na internet para prever a imagem original.

Portanto, ao investigarmos as representações de masculinidades presentes na Página RapNacional Rio Grande, verificamos as presenças de representações, que assim como no rock, se apresentam de formas alternativas e contra-hegemônicas, mas que no caso do rap, evidenciem características de virilidade, força e agressividade, e em alguns casos, apresentam ainda o uso da "mulher objeto".

5. Considerações Finais

A partir das análises efetuadas neste estudo, acerca das diferentes possibilidades de representações de masculinidades existentes em culturas juvenis relacionadas a artefatos culturais presentes no Facebook, dedicados a dois estilos musicais, o rock e o rap, na cidade de Rio Grande/RS, primeiramente destacamos o quão dominante ainda é a presença masculina nesses espaços digitais relacionados a estes dois estilos musicais.

Em ambos os estilos musicais há uma performatividade agressiva e um visual característico que para esses homens jovens consumidores dessas culturas juvenis possa representar autonomia e liberdade no que diz respeito aos "padrões de ser adulto". Desta forma, as representações de masculinidades juvenis encontradas nessas páginas dialogam com elementos de resistência que contribuem para uma caracterização de masculinidades alternativas e contra-hegemônicas.

Entretanto, apesar de em ambas as culturas juvenis, os sujeitos buscarem expressar essa masculinidade alternativa e contra hegemônica, as cenas do Rock e Rap rio-grandinos são culturalmente dominadas pelo sistema patriarcal. Desde suas origens, conforme aponta Feixa (1999) as culturas juvenis são fenômenos culturais massivamente dominadas por homens. Por muito tempo, para as meninas/mulheres, a juventude consistiu na transição de uma dependência familiar para a outra, se posicionando há margem desses movimentos culturais.

6. Referências

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. 21a. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALVO, Manuela Belen. Masculinidades y feminidades em la musica metal. Con X (N.° 6), e035, 2020.

CONNELL, Robert W. Politicas da masculinidade. Educação & Realidade, v. 20, n. 2, p. 185–206, 1995.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013. https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014.

FEIXA, Carles. De culturas, subculturas y estilos. De Jóvenes, bandas y tribus. Antropología de la juventud. Barcelona: Editorial Ariel, 1999a. p. 84–105.

FORECHI, Marcilene. Concepções teóricas na propaganda. Porto Alegre: SAGAH, 2018

KLEIN, Carin; SANTOS, Alison dos. "Orgulho de ser hetero"? Disputas em torno das masculinidades em uma página do Facebook. Revista Teias v. 22, nº 64. 2021.

MARQUES, Ana Carolina do Santos; FONSECA, Ricardo Lopes. A representação das mulheres no rap: instituindo espacialidades, quebrando barreiras. Revista do Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo. Volume 39. 25 – 37. 2020.

MATSUNAGA , Priscila Saeme. As representações sociais da mulher no movimento hip hop. Psicologia & Sociedade. Vol 20 nº 1. 2008.

MÉDICI, Julia; CASTRO, Clariana; MONTEIRO, Tiago. O futuro é feminino: o empoderamento feminino por meio da música. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba – PR. 2017.

MONTEIRO, Tiago José Lemos. Da patologia à celebração : representações de gênero e o discurso dos fãs no filme "Quase Famosos". 2004. 103f. Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. Rio de Janeiro: RJ

PAWLOWSKI, Cristiane. As Mulheres no Rock: as identidades femininas e o sujeito pós-moderno em letras de Rita Lee, Fernanda Takai E Pitty. (143 f.). Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste: Orientador: Prof. Dr. Daniel de Oliveira Gomes. Guarapuava, 2013.

SANTOS, Sandra Mara Pereira dos. Discriminação do gênero feminino, denúncia e resistência das cantoras do rap brasileiro. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 16, n. 48, p. 97-XX, 2017.

SUMARES, Gustavo. Facebook tem mais de 100 milhões de usuários brasileiros. *Blog Olhar Digital*, 2016. Disponível em https://olhardigital.com.br/noticia/facebook-tem-mais-de-100-milhoes-deusuarios-brasileiros/57706. Acesso em 13 mai. 2021.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In:*SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. **7.** ed. Petrópolis: Vozes, 2007.